



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

CANTA A ALMA NACIONAL¹.

Lindanor Celina

Deixe estar que foi uma alegria, uma rompance de contentamento como de poucas tenho memória. E bem que dela estávamos precisados, nós que tão poucas alegrias nacionais temos tido nestes últimos tempos. Porque o panorama pátrio não tem estado lá muito sedutor, não – o Nordeste naquela fome doida, o dólar pelas alturas, a inflação asfixiando-nos lenta, mas implacavelmente, a politicagem fervendo sem nenhum proveito imediato – tudo isso era para desencantar o mais entusiasta. E se a gente ainda cultivava este carinho tão estranho para com o torrão natal, e porque é filho, e filho adora mãe, a despeito de todas as feituradas e deformidades que ela porventura tenha.

Mas essa de domingo foi uma bênção, uma redenção. Foi como se a alma nacional tomasse um banho vivificante e purificador, e renascesse daquela dura peleja, daquela tensão levada ao máximo, mais jovem, mais bela e varonil.

E com um prazer tão sentido que a quase todos arrancou lágrimas, despertou também das profundezas do coração aquele outro sentimento que, esse sim, andava murcho, cabisbaixo – o orgulho. Sim, o orgulho de pertencer a essa terra, de ser filho deste país, de ser irmão de pátria daquele Onze fabuloso! Eta, meninos bons! Duvido que haja uma só criança que não saiba de cor o nome dos heróis de domingo último Gilmar, Djalma Santos, Belini, Newton Santos, Zito, Orlando, Garrincha, Didi, Vavá,

¹ CELINA, Lindanor. *Canta a alma nacional*. Jornal Folha do Norte, Coluna Minarete, terça-feira, 01/08/1958.

Acervo da pesquisa “Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)”, do Prof. Dr. José Denis Oliveira Bezerra.

Pelé e Zagalo são os homens do dia. E quem foi que teve sobrosso de levar Feola? Quem foi que disse que o “gringo” não entendia do “riscado”? Ai, estamos de peito lavado! E eu daria muito para ver agora a cara do suíço que viajava conosco, na mesma cabine, a caminho de Berne, e sabendo-me brasileira, mostrou-me, com maliciosa cordialidade, um estádio de sua terra, dizendo-me, um brilho vitorioso no olhar: “Regardez, Madame, esse foi o lugar onde os brasileiros apanharam dos suíços no campeonato mundial”.

De há muito diz-se que somos o país do futebol e do carnaval. Mas falava-se num sentido pejorativo, buscando diminuir a nossa pátria que, podendo ser grande em muito coisa importante, era-o apenas no futebol. Não desdenhemos, porém, nunca mais, esse título, nem o subestimemos. Eu agora descubro nesse “slogan” uma beleza excepcional. E hoje, que nosso feito esportivo grangeou para nós a admiração e o respeito de todos os países do mundo, devemos afirmar, com soberba: Sim, somos o país do futebol, o que e que há? Isso é glória, é honra, e muita” e sirva-nos de estímulo tão espetacular e embriagadora vitória. Porque dia virá, se Deus quiser, em que o Brasil, grande no futebol, sê-lo-á em muita coisa mais. Que recursos e reservas para isso não nos faltam.

Que nosso triunfo no domingo esportivo seja a abertura de contagem para muitos e honrosos campeonatos, em tantos outros setores. Que tutano e peito para isso temos nós, ora se temos!